

# AS PRÁTICAS RELIGIOSAS DA IRMANDADE DE PRETOS DA CIDADE DE AREIA DO SÉCULO XIX

Siéllysson Francisco da Silva<sup>1</sup>

## 1.1. Areia durante o século XIX

O século XIX foi um período de grande prosperidade. A cidade de Areia teve o maior número de engenhos na Paraíba, mas não latifúndios, e seus engenhos eram próximos uns dos outros, sua prosperidade provinha do comércio com o sertão paraibano e com as cidades de Goiana e Recife. No ano de 1849, iniciaram-se as obras da estrada que ligaria Areia à capital para que houvesse escoamento de mercadorias. A conclusão da obra se deu no ano de 1851, mesmo assim o comércio continuou com as cidades interioranas.

Nos engenhos e nas lavouras, a mão-de-obra era escrava. Embora tenha sido forte a campanha abolicionista nessa cidade, a liberdade negra veio tardiamente, meses antes da Lei Áurea. Mas, não veio com ela a igualdade.

Edificaram no centro da cidade, durante o século XIX, uma igreja de práticas populares, por aceitar negros e pardos. Talvez tenha sido este o motivo de terem registrado na historiografia paraibana a ideia de que a Igreja era para os negros.

IA outra igreja, a do Rosário, iniciada por uma irmandade de gente de cor, é a mais antiga do lugar, posto tivesse ficado inacabada durante longos anos. Em 1865, o governo da província concedeu uma loteria de quatro contos de ris para o andamento das obras, mas sua conclusão data de 1886, quando se celebrou a primeira festa religiosa naquele templo. (ALMEIDA, 1980, p. 11)

Quem sabe havia um dia para os negros rezarem o rosário, e isto fez os homens brancos chamarem de “Irmandades de Pretos”? Isso é apenas uma dedução. Exporemos a seguir sobre esta Igreja e sua Irmandade.

## 1.2. O que existia na irmandade?

As igrejas de brancos podiam receber membros de cor, dependendo do *status* que este tivesse; as de pardos recebiam brancos e negros, mas a mesa regedora era

---

<sup>1</sup> Professor Mestre. UFPB.

ocupada predominantemente pelos brancos, até por serem eles os alfabetizados daquela comunidade.

Na Irmandade de Areia, que é conhecida na historiografia paraibana como Irmandade de Negros, porém quem ocupava os postos mais importantes eram os brancos. Ao analisar o segundo livro de Atas, datado de 1902 até os dias atuais, só identificamos uma citação sobre negro na Irmandade. Na ata N° 106, datada em 13 de fevereiro de 1929 verificamos nesta pesquisa feita nas atas de 1902 a 1929, que esta é a única vez que se fala de alguém de cor na irmandade: “Cem mil reis, a Manuel Preto” (Ata N°106 p. 69). Compreende-se, assim, que os homens de cor não estiveram na Mesa Regedora.

Dentre os sujeitos da religiosidade nas irmandades, destacamos o *rei do congo*, um tipo de rito que os africanos trouxeram para o Brasil. Mas este não tinha na Irmandade aqui estudada; o que de imediato percebemos tratar-se de uma Irmandade de brancos ou de negros fiscalizados pelo brancos o que limitava sua influência afro.

Os pardos queriam ser reconhecidos como membros da sociedade, como cidadãos, mas sua cor e posição social não permitia que fossem incluídos no universo dos brancos, passando a elaborar estratégias de incorporação, enquanto “construtores do Reino de Deus” na Terra, trabalhando e fazendo caridades, sempre próximo dos brancos, como uma maneira de “clareamento social”.

Todas as irmandades, além de prestar contas ao Estado, também devia obediência à Igreja; para isso existia um *padre* que os orientava. Não foi fácil encontrar nos documentos os primeiros padres responsáveis pela Irmandade de Areia. O primeiro Livro de Atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, encontrava-se na Igreja da Confraria, antes da nossa pesquisa; mas ao procurá-lo, não o encontramos; por isso não tivemos como descobrir o pároco que auxiliou esta irmandade, nem tão pouco o pároco responsável pela fundação. Mas, em outros documentos, uma plaqueta publicada por um antigo morador da cidade de Areia e conhecedor dos documentos desta cidade encontramos o padre que deu a autorização e sua benção a Irmandade de N. S. do Rosário foi Antônio José Borges, padre contratado pela irmandade na época com a autorização do pároco. (TORRES, 1998. pp. 4-5).

Entremos em outro sujeito da religião: o *santo*. E perguntamo-nos por que determinados santos e não outros são cultuados? Acreditamos que isto está relacionado ao prestígio dado pela comunidade a determinados santidades, como por exemplo, Nossa Senhora do Rosário; que foi cultuada desde o início da expansão europeia no

continente africano, por este motivo esta santa se tornou quase exclusividade dos negros.

As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário já haviam sido criadas no Congo durante o século XVI, ideia esta que se espalhou pelos continentes que sofreu a influência Ibérica, como África, Ásia e América (BORGES, 2005). Demorou mais de um século para que essas Irmandades fossem trazidas para o Brasil. Trata-se da influência negra no Brasil Colônia. (RUSSEL-WORD, 2005) A Igreja e a Coroa estudaram os comportamentos dos escravos e chegaram à conclusão de que seria importante tê-las também neste território.

Segundo Russel-Word (op.cit. p.199), algumas irmandades foram criadas na iniciação dos negros durante os fins do século XVI, mas que não duraram muito. Durante os dois séculos depois (XVIII) “seria verdadeiro dizer que para cada pessoa, existia uma irmandade na qual poderia encontrar seus iguais”. Para Naiara Alves (2006, p.46), esta demora fora essencial para os africanos se conhecerem “visto que precisavam desenvolver um espírito associativo que tinha sido desgastado em todo o processo de escravidão”.

São muitos os *santos* de devoção entre as comunidades negras na Europa e no Brasil. Alguns são mais comuns, como os santos negros São Benedito e Santa Efigênia; o santo pardo (São Gonçalves) não foi tão cultuado assim, em compensação a santa mais cultuada por brancos, que se tornou quase exclusividade de negros e pardos, foi Nossa Senhora do Rosário.

A veneração por *Nossa Senhora do Rosário* se fortaleceu nos fins do século XII, quando os albigenses, “produzidos pela seita dos derradeiros manicheos”, conquistaram o sul da França e outros países de língua latina. Este foi um período de batalhas e de grandes matanças. É dentro deste contexto que a Ordem Dominicana criou o Rosário, que aceito como nova forma de rezar pelo fundador *Padre Domingos* e seus seguidores, levaram-no para várias partes do mundo cristão. Essa santa passou a ser oficializada com o *Papa Gregorio XIII* exatamente por causa da vitória nas Ilhas Echinades. As últimas batalhas entre turcos muçulmanos e europeus cristãos. Com o encerramento de orações públicas, celebradas com a reza do Rosário.

A partir desses fatos históricos, que coincidiram com as rezas dos Rosários, os papas passaram sucessivamente a estimular a prática do rosário.

Já o papa Leão XIII manda que em todas as igrejas católicas celebrem todos os anos, no mês de outubro, a missa de Nossa Senhora do Rosário, pois acreditava que a

igreja passava por perseguições, assim como seu representante maior. Recomendava-se que, se os fiéis camponeses estivessem muito atarefados com as plantações e não tivessem possibilidade de cumprir com a reza e a festa de Nossa Senhora do Rosário entre os dias primeiro do mês de outubro até o dia 2 de novembro, poderiam celebrar entre os meses de novembro e dezembro.

### **1.2.1 - As crises econômicas na Irmandade em Areia**

O que vamos perceber entre os irmãos da Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Areia é que esta comunidade passava por necessidades financeiras, pelo menos desde os anos de 1906 até 1930, anos estes estudados nesta pesquisa. Os fiéis geralmente deixavam para o ano seguinte a festa do Rosário por não terem dinheiro suficiente. Em alguns momentos, havia empréstimo por membros da mesa regedora, que depois eram restituídos, sempre citando “o artigo 28” que deixava como obrigação da instituição a devolução de qualquer bem emprestado a ela. Entretanto, este artigo não está relacionado a empréstimos e sim à entrada de confrades. Todavia, a Irmandade de São Benedito do Mosteiro franciscano dedicado a Santo Antônio da cidade de Parahyba capital tinha, na Ordem de Compromisso, duas citações específicas sobre os gastos com festa e empréstimo. (Associações, Pias e Movimentos Religiosos. Sub séries: 1. Registros de inscrição/compromissos (1866 – 1968). C: h/1 (004) E. 04 p 2)

O que não é bem esclarecido no artigo 28 da Irmandade de Areia, é bem explicado nos artigos do Compromisso dos homens negros do Convento da capital. Isto não quer dizer que os compromissos de empréstimos dentro da Irmandade de Areia não fossem cumpridos, muito pelo contrário, seguem em muitas atas a prestação de empréstimos para realizar as festividades.

### **1.2..3. Tentativa da Igreja para controlar as irmandades durante o século XIX**

Já dizia Durkheim (1989) que a religião era uma representação da sociedade, e as irmandades confirmam isto, pois, se analisarmos sua estrutura, perceberemos nelas uma representação da sociedade brasileira e suas influências portuguesas, modelos hierárquicos e estratificação social.

As tradições e rituais europeus trazidos pelas irmandades de brancos permaneciam nas irmandades brasileiras, embora se perceba mais características cerimoniais nas irmandades negras, que eram as mais festivas.

Durante o século XIX, a Igreja lança livros específicos para as irmandades, oficializando o que já era corriqueiro, dando aos ritos uma áurea mais romanizada. *O Mez de Outubro ou o Mez do Santíssimo Rosario*, de Bittencourt, publicado em 1895 e distribuído com as confrarias.

Fica viável a necessidade de regular, controlar e enquadrar essas irmandades dentro dos padrões que a Igreja considerava correto. Percebemos isto nas inúmeras regras que são estabelecidas nos livretos publicados, que regem desde o que o padre deveria fazer - que horas deveria rezar - até como os fiéis deveriam se comporta; o que se assemelha às regras de ordem religiosas como Beneditinos. É uma romanização do catolicismo popular brasileiro.

A recitação do Rosário, prescrita para o mês de outubro, deveria ocorrer durante a missa, e não antes ou depois.

O que as atas não revelam, encontramos no livro escrito para o mês de outubro, em que verificamos a coerção da Igreja Romana sobre os ritos brasileiros do catolicismo popular. Se praticavam da maneira prescrita, não sabemos; mas acreditamos que sim, pois a Irmandade aqui estudada nasce num período onde havia um maior combate da Igreja Romana em relação as crenças populares, para evitar uma maior penetração dos cultos afros em seus ritos.

## **2. Qual é a ideia do Sagrado dentro das Irmandades?**

Qual é a ideia que esses povos tinham sobre o divino? Durante muito tempo, alguns cronistas achavam que as irmandades desenvolviam uma crença superficial; outros acreditavam que os cultos eram para as antigas divindades africanas.

Esses homens e mulheres escravizados chegavam ao Brasil e logo eram batizados, convertidos à força ao catolicismo. Nas fazendas, havia as capelas e, à medida do possível, a celebração de missas, pois não era grande o número de religiosos para corresponder à necessidade da época.

Percebemos que na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos na cidade de Areia - não havia mais resquícios dos antigos cultos africanos. Tal fato é compreensível, pois estas surgiram tardiamente, embora na cidade de Santa Luzia haja rituais que nos remetam a ritos da vida cotidiana na África, como é o caso da coroação do Rei do Congo, rito que permanece até os dias atuais.

No depoimento de um antigo membro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Francisco Tancredo Torres, em novembro de 2008, ilustrou muito

bem essa disparidade social dentro da irmandade ao dizer que diante de tudo que leu nos documentos da Irmandade não havia separação das classes, e que nela participava a “elite areiense.

Percebemos nas entrelinhas do discurso, a Irmandade tinha sido completamente dominada pela elite branca, sendo assim, seus ritos e seu Deus era o deus cristão, e seus rituais todos católicos, sem influências africanas.

## **2.1. Arquétipos cristãos**

Passamos a explicar como a ideia de Deus cristão prevaleceu nas irmandades e seu comportamento com os confrades. De início, é necessário contextualizar as irmandades. Elas são instituições cristãs católicas, embora muitas aderissem aos cultos africanos. Como já foi falando anteriormente, ser católico era uma condição para ser aceito no Brasil; este seria o primeiro passo para ser inserido socialmente, até porque o catolicismo era a única religião aceita dentro do território brasileiro, devido a lei do padroado (RUSSEL-WOOD, 2006, p.201). Aos poucos, as práticas cristãs fizeram parte do universo dos africanos.

Os africanos passaram por “catequeses” cristãs e paulatinamente foram assimilando os arquétipos da religião dominante. Segundo a antropóloga Pitta, “Esses arquétipos se expressam em imagens simbólicas”, tendo “o símbolo como a explicação da estrutura do arquétipo” (PITTA, 2005, p.17).

Nas irmandades, encontravam-se pessoas com interesses diversos. Por um lado, afro-descendentes que buscavam *status* social, sentido para enfrentar o cotidiano; e por outro, os senhores, que viam nelas uma forma de dominação e controle de que precisavam, pois, se seus escravos se ocupassem com as tarefas das irmandades, acabavam por esquecer os anseios revolucionários. É no mito cristão que muitos vão se apoiar e esperar na nova vida a recompensa.

Para o estudioso das religiões, Mircea Eliade (1999, p.127), é por meio do mito que o homem tem a experiência existencial, o que vai lhe permitir encontrar-se e compreender-se. E por que não podemos afirmar que é no arquétipo do mito que se encontram as raízes da dominação, da hierarquização e do conformismo?

É esperando uma vida no paraíso que homens e mulheres enfrentaram uma existência infernal de dominação e exploração. Esqueceram suas raízes e, à sombra do dominador, descansaram, procurando na vida religiosa um alívio para suas dores ou uma resposta para os problemas sociais. Segundo Nietzsche (2008, p. 195), essa

meditação a que a religião nos conduz, seja pelo esplendor das igrejas ou pela paisagem natural, é uma fuga da realidade.

Mesmo assim, fazia-se necessário ser cristão para ser um personagem social, como nos diz Quintão (2002, p.16), era por meio do catolicismo que negros e pardos podiam mover-se numa sociedade dominado por brancos; por isso é compreensível a busca por ser reconhecido como pertencente a uma irmandade, a uma instituição católica, o que lhes outorgavam um *status* e um reconhecimento de sua brasileiridade, como nos informa Reginaldo Prandi (2002):

Para se viver no Brasil, mesmo sendo escravo, e principalmente depois, sendo negro livre, era indispensável, antes de mais nada, ser católico. Por isso, os negros no Brasil que cultuavam as religiões africanas dos orixás, vodus e inquices se diziam católicos e se comportavam como tais. Além dos rituais de seus ancestrais, frequentavam também os ritos católicos. Continuaram sendo e se dizendo católicos, mesmo com o advento da República, quando o catolicismo perdeu a condição de religião oficial. (PRANDI, 2002, p.45)

O texto acima nos mostra que as pessoas eram cristãs católicas, mas não “romanas”, suas práticas religiosas no Brasil Colônia e Império eram sincréticas, porém demonstrar ser católico fervoroso era ser visto e ser aceito socialmente. E a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Areia não era diferente por meio das festividades demonstrava sua religiosidade e prestígio.

### **3. A presença negra na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário**

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, na cidade de Areia, foi oficializada em 1872. A edificação da igreja aconteceu em 1886, porém havia registros de compras de materiais para edificação de sua igreja em anotações desde 1886, é o que nos falou Francisco Tancredo Torres, antigo morador e ex-membro da Irmandade, tinha acesso aos livros que hoje não existem mais.

A Irmandade fora edificada para os negros, mas que teve em sua cúpula a elite branca areiense. Ou teria sido um investimento dos brancos abolicionistas? Não sabemos. A documentação é tardia e quase sempre formal. Não sabemos se os homens negros sentavam ao lado das famílias brancas ou se sentavam no final da Igreja. O que nos restou enquanto material analítico trataremos a partir deste momento.

Na ata N° 106, datada em 13 de fevereiro de 1929, é a primeira vez - desde a análise feita nas *atas de 1902 até 1930* - que se fala de alguém de cor ocupando um

cargo na Mesa Regedora, “Cem mil réis, a Manuel Preto” (Ata nº106, p.69-A). Na ata anterior nº 105, página 68-B, o secretário cita dois homens com o mesmo nome de Manuel: Manuel Isidório Ferreira da Costa, “o qual apresentava a Mesa Regedora”, e o outro era o tesoureiro Manuel José Alves; já na Ata de nº 114 de 09 de fevereiro de 1931, aparece outro Manuel, ainda não citado Manuel Francisco da Silva. Qual destes era conhecido como “Manuel Preto”, não sabemos; mas vale salientar que lemos todas as atas e não havia menção a nenhum negro na Irmandade a não ser este “Manuel preto”.

Eu sei que a iniciativa do escravo não foi, porque eles não tinham condições para construir uma igreja dessas. E dos pretos menos até hoje nenhum preto foi Juiz da Irmandade. Na primeira direção tinha o preto Gerônimo que ficou como zelador, mas com outro cargo nenhum. Eu sei olhei os livros, não tinha nada. Nelas sempre gente da maior classe e inclusive o Manuel da Silva, que foi o “apóstolo da Abolição. (Francisco Tancredo Torres, entrevista, Nov. 2008)

Vejam os o que diz a Carta de Compromisso da Irmandade:

Capítulo 1º

Da Irmandade

Art. 1º Na Irmandade de nossa Senhora do Rosário da capella da mesma invocação erecta na cidade de Arêa admittem-se como irmãos todas as pessoas de qual sexo e de qualquer condição que sejam, uma vez que por devoção quierão prestar seos cincremento de culto que se\_\_\_\_\_ a mesma senhora.

Como se percebe, não há citação aos homens de cor, nem que a Irmandade seja dedicada à Nossa Senhora do Rosário *dos Pretos*. Então, subentende que esta denominação de *Igreja dos pretos*, nesta cidade, tenha sido posterior ou popularmente conhecida pelas pessoas da cidade. Nem mesmo na autorização do Presidente Provincial, que fora escrita nas páginas iniciais da Carta de Compromisso, não há alguma referência aos homens negros.

### **3.1. As irmandades na atualidade**

Atualmente a Irmandade ainda reúne-se, mas sem uma presença marcante na cidade. Seu templo, muito bem conservado, atrai muitos visitantes para vê-lo e



fotografá-lo, como emblema de um passado africano de uma igreja católica. Ao tratar da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos pretos.

A leitura das atas não nos trouxe nenhum nome de escravos ou de alguém de cor negra, a não ser no início onde um homem de cor ocupa o cargo de zelador e, em mil novecentos e vinte e nove, quando há um empréstimo em espécie por um homem de cor denominado “Manoel Preto”. Nesse momento, encontramos no Arquivo metropolitano a *Carta de Compromisso*, que nos revela que a Irmandade era edificada para todas as pessoas independente de condição social ou cor.

As peças deste quebra-cabeça histórico, vão se juntando: a ausência de negros nas atas, com a Carta de Compromisso que ressalta logo de início que a Irmandade era edificada para todos, com depoimento de membros que nos esclareceram que a irmandade fora sempre composta, em sua mesa regedora, por pessoas de importante representação social. Deduzimos que esta Irmandade não foi um jogo de manipulação para que os negros não se revoltassem, como acreditávamos no início de nossa pesquisa; não foi um ato de bondade dos abolicionistas, mas o desejo social de uma época que queria construir uma expressão mais popular da religiosidade católica para assistir quem precisava. Daí a quantidade de pessoas de cor ou pardas que frequentavam esta Irmandade, o que possivelmente fez com que muitas pessoas a classificassem como a “Irmandade dos Pretos”. Lembrando que o orago era Nossa Senhora do Rosário, uma santa quase que exclusiva de negros aqui no Brasil do século XVIII e XIX.

Em suma, o que houve foi um forte equívoco histórico por terem classificado o templo dedicado à Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Areia, como sendo um lugar exclusivo dos negros. Nossa pesquisa serviu também para esta revisão historiográfica das expressões religiosas na Paraíba Imperial.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Horácio de. **Brejo de Areia**. 2ª ed. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1980.

ALVES, Naiara Ferraz B. **Irmãos de cor e fé: irmandades negras na Parahyba do século XIX**. 2006. 115 f. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

BITTENCOURT, C. **O Mez de Outubro ou o Mez do Santíssimo Rosario**. [s.n.]1895

BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder** (Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais). São Paulo: Ática, 1986

CORD, Marcelo Mac. **O Rosário de D. Antônio: irmandades e conflitos na história social do Recife 1848-1872**. Recife: Ed. Universitária/UFPE, 2005.

LINS, Raquel Caldas. ANDRADE, Gilberto Osório de. **São Gonçalo Garcia: um culto frustrado**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana, 1986.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. 2ª ed, SP: Ed. Paulus, 1989.

ELIADE, Mircea. **Tratados de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PRANDI, Reginaldo. **Herdeiros do axé**. 2. ed. São Paulo: Hecitec, 2002.

QUINTÃO, Antônia Aparecida. **Lá vem o meu parente: as irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (XVIII)**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

RUSSELL-WOOD, A.J. R., *Black and mulatto brotherhoods in Colonial Brazil: a study in Collective Behavior, Hispanic American Historical Review*, (1974), v. 54, n.4

#### **DOCUMENTOS:**

(Decreto da Assembléia Legislativa Provincial N° 235 de 13 de setembro de 1866/*Compromisso da Ordem da Irmandade do Glorioso São Benedito erecta no Convento de Santo Antônio da cidade de Parahyba do Norte*; FUNESC/Arquivo Histórico/ Período Imperial/ Doc. Manuscrito/ Cx 048. Ano: 1866).

(Decreto da Assembléia Legislativa Provincial N° 260 de 9 de outubro de 1866/*Carta da Câmara Municipal de Areia*; FUNESC/Arquivo Histórico/ Período Imperial/ Doc. Manuscrito/ Cx 048. Ano: 1866).

*Ordem de Compromisso da irmandade de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Areia, de 1872*. Fundo Chancelaria. Série: documentação das Irmandades, Associações, Pias e Movimentos Religiosos. Sub séries: 1. Registros de inscrição/compromissos (1866 – 1968). C: h/1 (001) E. 04 p 2 (Arquidiocese da Paraíba).